

Literatura deste início de século: Andréia Delmaschio

Literature from the Beginning of the Century: Andréia Delmaschio

Erly Vieira Jr. (Editor)*

Local¹ e ano de nascimento: Vitória (ES) 1969.

Obras literárias publicadas: *Mortos vivos* (crônicas, 2008). Participei das coletâneas *Instantâneo* (2005) e *A parte que nos toca* (2000), publicando contos em ambas.

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

* Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

¹ VIEIRA JR., Erly et al. Enquete Literatura deste início de século – Andréia Delmaschio. *graciano*, Vitória, ano 1, n. 5, p. 13-16, nov. 2010. Disponível em: <<https://issuu.com/revistagraciono/docs/3>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Um dia alguém notou que a maior parte dos meus personagens era criança. Fiquei surpresa diante da constatação; principalmente porque nunca o tinha percebido. Não sei ao certo por que, mas, quando escrevo, parece que me embrenho, de algum modo, pela infância: a minha própria, a dos outros, a dos personagens crianças dos autores que aprecio... Existe narrativa mais bela e comovente que a do Miguilim? E a Menina a caminho, de Raduan Nassar? A Ofélia, de Clarice!, apenas para ficar em alguns exemplos... Talvez se nos livrássemos um pouco das normas que regem nosso comportamento cotidiano, nossa fala e nossa escrita corriqueiras, pudéssemos escrever textos que interessassem, que limpassem um pouco o idioma. Quando meus filhos começaram a falar, foi um espetáculo para mim. O “fazer literário” devia se dar desse jeito – pensei! Cada tartamudear, cada tateio em busca da palavra correta, a confusão entre sílabas etc., tudo parecia a mim uma revelação poética. Aprender a errar seria, assim, o caminho da escrita, e a imagem da infância está, para mim, portanto, radicalmente associada à do “fazer literário”.



Capa e folha de rosto da revista *graciano* n. 5, de 2010,

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

As mais variadas situações podem suscitar o desejo de escrita. Algumas vezes eu quis registrar em contos ou crônicas acontecimentos que achava demasiado singulares ou que pareciam tocantes, e o resultado foi desalentador. Atualmente os meus textos (sempre curtos e sempre em prosa) se iniciam de uma frase geralmente pensada durante o banho, no trânsito para o trabalho, escutada em sala de aula ou mesmo produzida em sonhos noturnos. Nunca sei se a frase vai se desdobrar a contento (a meu contento, claro, que sou meu primeiro e talvez único leitor), mas, desde que algo nela me convença a ir para diante do teclado, doulhe vazão, e é como se as palavras, apenas unidas ali, fossem se multiplicando por procriação, seguindo um ritmo quase alheio a minha vontade. Depois é ler, reler, cortar, retocar, deletar, abjurar...

**Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)?
Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles
você costuma dialogar?**

Quando criança, bem pequena, eu costumava me esconder no banco de trás do velho corcel de meu pai para ler. Consta que – filha de pais semi-alfabetizados – aprendi a ler aos quatro anos, a partir do contato com as bulas dos remédios. Em casa não tínhamos livros “dedicados a minha faixa etária”, porque só eram comprados os estritamente obrigatórios. Restavam-me então os Machados e Alencares e Azevedos sobre cujas tramas e personagens meus irmãos mais velhos tinham respondido em avaliações do tipo “estudo dirigido”, naquela época em que se cantavam três hinos ao sol escaldante do pátio antes de entrar marchando, em fila, para a sala de aula. Obviamente, nesse início não havia muita escolha, o que talvez tenha sido a minha sorte... Tudo o que alimentasse o imaginário era muito bem recebido por aquela menina ávida de mais mundos. Aos poucos porém chegou a hora da minha, a desejada obrigatoriedade, sem a

qual as nossas estantes não teriam ido além da Bíblia sagrada: podia entrar em casa (sinto como se tivesse se dado há um minuto) e ditar em voz alta, enfim, os títulos que teria que ler naquele semestre, “para avaliação”. Assim foram chegando, em doses homeopáticas, primeiro Lobato, Quintana e Cecília; depois Clarice, Graciliano, Lygia e muitos outros. Afora todos os da série Vagalume e os best-sellers que vinham grudados às caixas de sabão em pó, como brinde. Além disso, meu avô paterno, nono Euclides (que também aprendeu a ler sozinho, só que já adulto), nos presenteava, nas férias, com dezenas de livrinhos de cordel que tínhamos de declamar para ele em voz alta. Ele apreciava cada rima como quem saboreia uma fruta muito doce – eu podia ler isso no seu rosto. Ganhávamos tantos cordéis quantos fôssemos capazes de ler. E ainda furtávamos de sob o seu colchão, para folhear às escondidas, uns livros grossos, de Medicina, repletos de ilustrações tenebrosas e termos que nos arrepiavam os pelos do braço. Nunca soubemos como o nono teria conseguido aqueles livros de capa dura, e pairava também, se não me engano, um certo mistério sobre de onde trazia todo aquele cordel nordestino. Como leitura e escrita são para mim inseparáveis - a despeito da grande mentira que se reproduz por aí, de que se aprende a escrever, lendo -, creio que essas primeiras experiências marcaram para sempre a minha sensibilidade, com os universos que ali se desenhavam, com as sonoridades que eu lhes tirava (até hoje me lembro de poemas do Quintana memorizados naquela época) etc.



Páginas iniciais da enquete Literatura neste início de século – Andréia Delmaschio.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Os mortos vivos? Ai, aquele livro! Se não tivesse que tê-lo escrito, eu jamais o teria lido, acho. Mas, tudo bem: agora já foi. Não que me arrependa de tê-lo publicado; na verdade, quase que não. Trata-se de um livro desigual, incômodo. Eu vinha projetando tranquilamente dois livros diferentes, um deles baseado em sonhos noturnos, o outro em pesadelos diurnos. Eu achei que o erro foi juntar os dois. Apesar de reconhecer que o projeto geral foi um fracasso, gosto bastante de parte da primeira parte, que se baseia no meu querido livro de sonhos. E me deu muito prazer realizar a experiência que resultou na segunda parte, aquela que traz relatos fidedignos dos programas de televisão. Essa parte foi a que mais irritou os meus (cinco, seis) leitores. Devo ter sido muito ingênua ou ousada ao tentar abolir, por provocação, com toda e qualquer inferência ou interferência do narrador, dando voz direta aos animadores-pastores-apresentadores de tevê. Apenas o Fernando Gasparini (leitor um) parece ter entendido a proposta. O que não significa falha dos outros (cinco), mas antes falha minha. Ele escreveu um

belo texto, intitulado “Estamos vivos?”, sobre o livro. Está no blog dele, no link <http://gasparinif.blogspot.com/2008/10/estamos-vivos.html>. Se puxar um pouco pela memória, encontrarei as razões de tê-lo tornado público. Mas ele me deu algo muito bom: nunca antes tinha colhido opiniões tão francas sobre algo que fiz. Isso me estimula. Devo guardar nos recônditos de mim um certo masoquismo, porque adorei poder colher opiniões tão inteligentes acerca do meu escrito.



Foto por Maria Ines Sperandio.

13



Página inicial das respostas de Andréia Delmaschio à enquete “Literatura neste início de século” (Foto de Maria Ines Sperandio).

Algum livro a caminho?

Encontro marcado é um romance que narra o encontro - nunca ocorrido - entre Clarice Lispector e Mário de Andrade. A partir da famigerada carta extraviada de Mário para Clarice, que não se sabe ao certo se realmente foi escrita e/ou enviada um dia – mas de cujo conteúdo dá à escritora alentadas notícias o amigo

Fernando Sabino –, constrói-se o diálogo apaixonado dos dois sobre as suas próprias obras, sobre a vida, sobre a morte. É um trabalho que tem demandado uma pesquisa muito maior do que eu imaginava a princípio; é como uma armadilha difícilíssima em que me meti e da qual não consigo escapar, pois a cada passo que dou, mais me enredo no fato de não ter coragem de abandonar um projeto em que já tenha empreendido tanto esforço e tantos afetos. Não sei como esse texto “se encaixa no contexto” da minha escrita; nunca antes tentei escrever um romance. Li o primeiro capítulo para um amigo que é espírita e ele chorou copiosamente – não sei se comovido, ou se de pena. Afirmou porém que Clarice e Mário estavam presentes ali, e que ele pôde vê-los, como num transe. Me estimulou a continuar, mas não sei se vou conseguir publicar!